

APONTAMENTOS DE POSSÍVEIS ELEMENTOS FILOSÓFICOS NA REFLEXÃO SOCIOLÓGICA DE MAX WEBER

Robert Brenner Barreto da Silva*

Resumo: Esse trabalho tem como proposta realizar um breve estudo sobre possíveis fundamentos filosóficos na reflexão sociológica de Max Weber. Por objetivar uma investigação que possibilite perceber a interface entre filosofia e sociologia, torna-se oportuno avaliar em que medida um dos principais representantes da sociologia moderna teria sido influenciado por pressupostos filosóficos, uma vez que, se comparada a outras linhas pesquisa, pouco se enfatizou o caráter filosófico de sua sociologia. Para atingir o desiderato desse breve estudo, será consultada a literatura secundária e utilizada a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* como exemplificação pontual dos traços filosóficos que se pretende atribuir ao autor, na qual se destaca o conceito de *Tipo Ideal*, além de considerar pressupostos metodológicos e mesmo heranças intelectuais que tenham contribuído para dar dimensão filosófica ao referido empreendimento sociológico de Max Weber.

Palavras-Chave: Fundamentos. Pressupostos. Filosofia. Sociologia. Weber.

NOTES ON POSSIBLE PHILOSOPHICAL ELEMENTS IN THE SOCIOLOGICAL REFLECTION OF MAX WEBER

Abstract: This work aims to perform a brief study on philosophical fundamentals in the sociological reflection of Max Weber. In order to perceive the interface between philosophy and sociology, it turns to be propitious to evaluate in what measure one of the main exponents of modern sociology would have been influenced by philosophical assumptions. If compared to other research lines, few emphasis were given to the philosophical feature of his sociology. To reach the purpose of this brief study, it will be consulted the secondary literature and the *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism* as an example of the philosophical traces that it intends to be attributed to the author, in which it will be highlighted the concept of Ideal Type, beyond that it will be consider the methodological presuppositions and the intellectual heritage that contributed to give philosophical dimension to the sociological enterprise of Max Weber.

Keywords: Fundamentals. Assumptions. Philosophy. Sociology. Weber.

Introdução: Definição da abordagem

Maximilian Karl Emil Weber (1864-1920) se consagrou na história do pensamento ocidental por suas contribuições ao processo de consolidação da sociologia como ciência, isto é, enquanto saber orientado por métodos e objetos específicos. Os

* Doutor em Filosofia – UFC. Professor da Universidade Estadual do Ceará – UECE. E-mail: roberttxplus@gmail.com

impactos de sua empresa teórica reverberaram em diversos outros campos afins, tais como economia, direito e ciências da religião. Entretanto, pouco se tem estudado o aspecto filosófico presente em suas reflexões sociológicas. Se não é plausível considerar Max Weber em sentido estrito um filósofo, esse trabalho, de caráter somente introdutório, pretende chamar atenção para a possível identificação de pressupostos e elementos filosóficos no pensamento sociológico de Weber.

Em primeiro lugar, é preciso delinear o *background* filosófico a partir do qual Weber constrói sua concepção de ciência social. De maneira a elucidar como a emergência da sua sociologia se deu em diálogo com influências e preocupações filosóficas. Em segundo lugar, torna-se oportuno recorrer à obra de Weber, a fim de explicitar quais são os fundamentos filosóficos que parecem orientar seus estudos e que papel eles assumem dentro do quadro geral de sua reflexão sobre os fenômenos sociais. O objeto desse estudo, portanto, é a indagação a respeito da existência de possíveis elementos genuinamente filosóficos e do papel deles no pensamento do autor.

O Background filosófico de Weber

Embora tenha sido deixada um tanto quanto de lado essa perspectiva de análise que considera a relação entre Weber e a filosofia¹, é incontornável o reconhecimento da influência que a crise do paradigma iluminista e positivista teve para a elaboração do sociólogo, a qual não se explica apenas através de postulados teóricos de natureza sociológica, mas também eminentemente de natureza filosófica. Contudo, além desses elementos que parecem moldar de alguma forma a cosmovisão a partir da qual Weber irá construir seu pensamento, é preciso investigar se, por exemplo, não há pressupostos éticos, epistemológicos e mesmo conceituais no corpo de sua sociologia.

No século XIX, grandes expectativas foram gestadas por ocasião do positivismo, corrente sociológica defendida por Comte (1798-1857), filha do Esclarecimento (*Enlightenment, Aufklärung*). Na medida em que, através dessa empresa, abriu-se

¹ Há boas exceções, como o estudo que investiga uma série de pressupostos filosóficos na obra de Weber: “Embora reconheça essas realizações, o elegante Max Weber de Anthony Kronman faz a afirmação mais incomum de que a sociologia de Weber, e especificamente sua sociologia da lei, compartilha certas suposições filosóficas com todo o *corpus* weberiano, e essas suposições fornecem um modelo consistente de homem e sociedade (SCHWARTZ, 1984, tradução nossa, p.1386).” “While acknowledging these accomplishments, Anthony Kronman’s elegant Max Weber makes the more unusual claim that Weber’s sociology, and specifically his sociology of law, shares certain philosophical assumptions with the entire Weberian *corpus*, and that these assumptions provide a consistent model of man and society”.

caminho para a tentativa de desvelar as leis da natureza, a fim de controlá-la e, assim, viabilizar a realização do anseio de progresso². Para Comte, o conhecimento científico seria o arquétipo do conhecimento verdadeiro, fora do qual os demais saberes humanos ficariam hostilizados a uma condição subalterna. As ciências positivas propaladas por Comte tinham como referencial a física, a matemática e as ciências da natureza apoiadas sobre bases as mais precisas possíveis.

Paralela à tendência científicista engendrada na modernidade a partir do positivismo, há também uma característica do pensamento moderno interessante à tarefa de contextualização de Weber. Isto é, a pretensão de abrangência observada exemplarmente nos empreendimentos de Hegel (1770-1830) e Marx (1818-1883). Ambos pressupunham ter compreendido os mecanismos que guiam a história, de modo a oferecerem predições sobre o rumo dela através do desdobramento sistemático do espírito, na perspectiva de Hegel³; e da dialética material histórica, tendo o trabalho como a categoria fundamental, na visão de Marx⁴.

Para Weber, os grandes projetos de conhecimento entraram em crise, pois demonstraram possuir limites intransponíveis. Não apenas falharam em apreender devidamente a realidade que pretendiam descrever quanto produziram implicações éticas danosas ao desenvolvimento civilizatório. Os impactos éticos desses projetos epistemológicos e científicos vieram a se mostrar reais, sobretudo no século XX, através das grandes guerras mundiais e do episódio tenebroso do nazismo, no cenário de uma Alemanha altamente intelectualizada e balizada pelo progresso científico e humanitário. Nesse sentido, a racionalidade, que fora cultivada no século anterior, não conduziu os rumos da história, como se pensara, ao humanismo e à emancipação, mas à degradação do homem. De modo a revelar a necessidade de atrelar à razão outros cuidados

²ANDREY, 2007, p.376: “[...] suas propostas para a ciência; são o corolário necessário de suas crenças políticas; de sua visão da história como um progresso contínuo do conhecimento e do espírito humano, progresso apenas possível com e dentro de uma ordem absoluta; e de sua visão de natureza absolutamente ordenada segundo leis invariáveis”.

³ CHÂTELET, 2007 apud ANDERY, p.364: “Ora, Hegel julga que chegou o tempo de responder definitivamente, de acabar a filosofia, isto é, de chegar enfim à exposição sistemática da ciência, desse saber absoluto a que a humanidade aspirava há vinte e quatro séculos; e que é a ele que essa tarefa está reservada”.

⁴ ANDERY, 2007, p.401: “o trabalho torna-se categoria essencial que lhe permite não apenas explicar o mundo e a sociedade, o passado e a constituição do homem, como lhe permite antever o futuro e propor uma prática transformadora ao homem, propor-lhe como tarefa construir uma nova sociedade”.

importantes para que ela não aspire à posição de uma autoridade tal que extrapole os princípios e valores ético-morais com os quais ela é convocada a colaborar.

Nessa perspectiva, a sociologia de Weber não é construída abstratamente, mas fundamenta-se em pressupostos filosóficos de ordem epistemológica e ética. Combater a pretensão de universalidade dos enunciados científicos é uma das tarefas básicas de sua sociologia, o que parece está intimamente relacionado aos contornos filosóficos de seu projeto. Em termos de teoria do conhecimento, Weber se aproxima do kantismo: “Indiscutivelmente, no entanto, não foi até Weber familiarizar-se com a Escola Neo-Kantiana, que ele encontrou um rico modelo conceitual adequado para a elaboração mais clara de sua própria posição epistemológica”⁵ (KIM, 2019). A concepção de conhecimento de Weber passa, por sua vez, pela delimitação da diferença entre o âmbito do real e o do conceitual, sendo este último o instrumento cognitivo disponível à razão humana para investigar o que quer que seja. É em razão disso que Freund afirma:

O conhecimento e a ação nunca se realizaram definitivamente, pois todo conhecimento requer outros conhecimentos, e toda ação, outras ações. Nenhuma ciência particular, nem tampouco o conjunto das ciências, tem condições para satisfazer nosso saber, porque o entendimento não é capaz de produzir ou de copiar o real, mas unicamente de elaborá-lo por força dos conceitos. Entre o real e o conceito, a distância é infinita (FREUND, 2003, p.12).

Por essa compreensão epistemológica fundamental, entende-se por que Weber resiste aos modelos teóricos orientados por grandes sistemas. Um dos aspectos mais relevantes a serem levados em conta na produção de boa ciência é ter muito bem delimitado o seu objeto e método, por ser pressuposta a limitação da razão e das competências cognitivas. O comentário a seguir é preciso em relação a essa discussão:

Por este motivo, Weber se opõe incisivamente a todos os sistemas, sejam eles classificadores, dialéticos ou outros, os quais depois de construírem uma teia de conceitos tão densa quanto possível, acreditam estar em condições de daí extrair a realidade. Tais filosofias que ele chama de "emanatistas" são, sob todos os pontos de vista, simulacros (Idem, pp.12-13).

No que concerne à ética, há dois quadros teóricos principais que precisam ser estudados como partes integrantes da reflexão weberiana: o idealismo alemão e a

⁵ “Arguably, however, it was not until Weber grew acquainted of Neo-Kantians, that he found a rich conceptual template suitable for the clearer elaboration of his own epistemological position”.

filosofia de Nietzsche. Em relação à primeira corrente de pensamento, é instrutiva a nota da enciclopédia filosófica de Stanford:

Idealismo alemão parece ter exercido outra influência duradoura sobre Weber, discernível em sua visão ética de mundo mais do que na sua posição epistemológica. [...] A maneira com a qual Weber entendeu Kant parece ter sido proveniente de seu modelo conceitual composto pela psicologia moral e antropologia filosófica. Em oposição consciente ao utilitarismo naturalístico justificador do moderno individualismo, Kant viu a ação moral como simultaneamente principiada, auto-disciplinada e expressão da genuína liberdade e autonomia. A respeito dessa visão kantiana, liberdade e autonomia são encontradas no controle instrumental do eu e do mundo de acordo com a lei formulada pela autoconsciência (KIM, tradução nossa, 2019)⁶.

A liberdade da ação está entrelaçada a autodisciplina, isto é, a imposição do dever não como algo exterior, mas como produto da própria consciência. Dentro desse contexto é que Weber parece aproveitar o kantismo, do ponto de vista ético. A presença de certo niilismo nietzschiano, dialeticamente relacionada aos pressupostos do Idealismo Alemão e do kantismo, viabilizam compreender em parte a maneira singular com que Max Weber pensa sua própria sociologia. Vide a leitura:

Visto nessa perspectiva, a sensibilidade da ética de Weber é construída em uma firme rejeição a divinização Nietzscheana e resignação foucaultiana, ambos os quais estão radicalmente em oposição à ética kantiana do dever. Em outras palavras, o projeto ético de Weber pode ser descrito enquanto busca por uma forma não arbitrária de liberdade (o seu lado kantiano) no que ele percebe como um mundo cada vez mais pós-metafísico (seu lado nietzschiano). De acordo com Paul Honigsheim, seu pupilo e primo distante, a ética de Weber é “trágica” (Idem, tradução nossa, 2019).⁷

A inclusão de Nietzsche como parte das referências está relacionada ao diagnóstico proposto pelo filósofo alemão. Weber entende que está em curso um mundo

⁶ “German Idealism seems to have exerted another enduring influence on Weber, discernible in his ethical worldview more than in his epistemological position. This was the strand of Idealist discourse in which a broadly Kantian ethic and its Nietzschean critique figure prominently. The way in which Weber understood Kant seems to have come through the conceptual template set by moral psychology and philosophical anthropology. In conscious opposition to the utilitarian-naturalistic justification of modern individualism, Kant viewed moral action as simultaneously principled and self-disciplined and expressive of genuine freedom and autonomy. On this Kantian view, freedom and autonomy are to be found in the instrumental control of the self and the world (objectification) according to a law formulated solely from within (subjectification)”.

⁷ “Seen in this light, Weber’s ethical sensibility is built on a firm rejection of a Nietzschean divination and Foucaultian resignation alike, both of which are radically at odds with a Kantian ethic of duty. In other words, Weber’s ethical project can be described as a search for a non-arbitrary form of freedom (his Kantian side) in what he perceived as an increasingly post-metaphysical world (his Nietzschean side). According to Paul Honigsheim, his pupil and distant cousin, Weber’s ethic is that of “tragedy”.

pós-metafísico, mas que diante desse quadro faz-se ainda mais urgente a defesa de uma espécie de ética do dever. O destino trágico do homem em um cenário que reage a crise da racionalidade moderna deve ser mitigado pela constante busca de uma liberdade não arbitrária, orientada pela autonomia consciente das limitações inexoráveis do homem.

Enquanto propedêutica ao conjunto de reflexões propostas, pontua-se, na esteira da crise dos paradigmas apontados, a definição de uma abordagem anti-sistêmica e crítica em relação ao *status* da capacidade que o homem tem de investigar o mundo empírico. Seguindo uma influência neo-kantiana, Weber discerne muito bem as dimensões da realidade e do conceito, entre as quais há uma distância infinita, conforme fora dito. A ciência, por sua vez, não trabalha estritamente com a realidade, mas com os conceitos e esses visam a aproximar o entendimento do que se passa na realidade do mundo empírico. Porém, sempre de maneira precária e insuficiente. Logo, Weber parece se alinhar ao conjunto de tendências que lhes foram contemporâneas, dentre as quais se podem exemplificar o romantismo alemão, cujas ideias foram estabelecidas em contraste com a pretensão de abrangência e certeza da ciência moderna.

Do ponto de vista da abordagem anti-sistêmica de Weber, deve-se levar em consideração a fragilidade metodológica de um saber que se pretende universal, pois os conceitos estão limitados a determinadas particularidades da realidade. Os grandes sistemas de Hegel e Marx se mostram mais como doutrinários do que efetivamente como científicos em função de terem se prendido às suas categorias:

As diversas sociologias do século XIX foram muito mais doutrinárias do que realmente científicas. Tanto em Comte como em Marx ou Spencer, por exemplo, a síntese romântica prevalecia sobre a análise modesta, precisa e prudente. Para todos aqueles pensadores, era natural que ciência e filosofia da história concordassem intimamente, uma constituindo o prolongamento necessário da outra. *O que nos parece essencial, aqui, é que todos partiam de uma ideia da sociedade, da cultura ou da civilização entendidas como um todo, quer no sentido do espírito objetivo de Hegel, quer no do materialismo dialético de Marx, quer no da humanidade de Comte. Em outras palavras, pressupunham todos uma unidade a priori da história passada e futura, de maneira que não haveria nenhuma dificuldade de ler o pretense sentido único e global do futuro. Evoluindo o desenvolvimento histórico por fases, no sentido em que uma seria a razão necessária da seguinte, o indivíduo se vê na contingência de suportar a racionalidade imanente e progressiva do devir até a fase do pleno desabrochar final (FREUND, 2003, p.13).*

Não quer dizer, todavia, que Weber, ao rejeitar a perspectiva sistemática, deixe de possuir métodos rigorosos de análise nem que ignore as inter-relações existentes entre os diversos tipos de conhecimento. Contudo, é preciso reconhecer a condição hipotética de toda empresa científica, e quanto mais ampla é a sua missão, mais complicada ela se torna. Conforme se lê:

Ele não era um adversário incondicional da sistematização de modo geral, mas considerava que no estado atual da ciência, exposta a incessantes correções, modificações e reviravoltas por força do caráter indefinido da pesquisa como tal, seria impossível edificar sistemas definitivos. Mais exatamente, a eficácia do trabalho científico pode exigir que em dado momento o sábio tente sistematizar o conjunto dos conhecimentos adquiridos em uma ciência ou em um setor limitado de uma ciência, com a condição de *salvaguardar o caráter hipotético de semelhante prática, levando em conta outras interpretações e sistematizações possíveis com base em outras pressuposições*, e no desenvolvimento futuro da disciplina (FREUND, 2003, p.10).

Essas linhas gerais tornam possível a inserção nos excertos da *Ética Protestante*, texto clássico de Weber, de modo a viabilizar a identificação de possíveis pressupostos e elementos conceituais internos a sua obra. Ou seja, não apenas a partir de sua cosmovisão, como fora introduzido, mas também em relação ao corpo de sua sociologia, como será brevemente argumentado doravante.

Possíveis pressupostos filosóficos na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*

Após ter sido contextualizado o *background* do pensador alemão, torna-se oportuno avaliar na sua *magnum opus* “A *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”, a sociologia compreensiva de Weber; a sua concepção de ação social, o fundamento do indivíduo nesse empreendimento, o conceito de “Tipo Ideal” e como esse recurso está apoiado sobre bases filosóficas.

A sociologia compreensiva ou interpretativa, a qual pode ser relacionada à hermenêutica filosófica⁸, baseia-se na necessidade de entender o sentido contextualmente definido pelas circunstâncias das ações dos indivíduos, tendo por objeto principal a ação social, cuja fonte de análise é o indivíduo. A rigor, Weber irá

⁸ MORAES, 2003, p.58. “Além de introduzir as idealidades, Weber (1979) utiliza a hermenêutica, embora não mencione o termo, substituindo-o pela sociologia compreensiva, por meio da qual busca a interpretação do sentido da ação social sintetizada no método de interpretação, no qual estão unidas a compreensão e a explicação dos fenômenos sociais”.

fundamentar as noções de compreensão e ação social de maneira mais proeminente na obra *Economia e Sociedade*, tendo por base a qual nos instrui o estudo:

Weber identifica a ação social como objecto de estudo da Sociologia e indica, ao mesmo tempo, o caminho para a Sociologia chegar a um conhecimento desta realidade: através da interpretação (*Deutung*), o Sociólogo compreende (*verstehen*) a ação social, o que o coloca em condições de explicar causalmente o seu desenrolar e os seus efeitos. No desenvolvimento desta definição, Weber descreve o objecto de estudo da Sociologia como uma forma específica da ação (*Handeln*) que pertence, por sua vez, ao domínio do comportamento humano (*menschliches Verhalten*). A ação, como forma específica do comportamento humano, distingue-se pela componente do sentido subjectivo (*subjektiver Sinn*); a ação social define-se pela referência ao comportamento de outrem através do sentido subjectivo (JAHNKE, 2013, p.176).

Não obstante a referida conceituação da Sociologia compreensiva e dos tipos ideais serem mais bem assinalados no texto *Economia e Sociedade*, essas ideias são exemplificadas e elucidadas com mais eficácia quando se vislumbra o objeto do capitalismo e a ética protestante a ele associada. A concepção de “espírito”, a que faz alusão o título da obra de Weber, expressa a ideia abrangente de cultura. Nesse sentido, investigar o “espírito” implica tentar compreender qual é o cerne simbólico-conceitual de determinado fenômeno social. Tendo como pilar de sustentação o método compreensivo, Weber entende que os cidadãos europeus não desenvolveram o sistema capitalista apenas pela base protestante, contudo reconhece que elementos importantes presentes nessa cultura contribuíram para o florescimento de tal fenômeno histórico. A esse respeito, é emblemático o seguinte trecho:

Basta uma vista de olhos pelas estatísticas ocupacionais de um país pluriconfessional para constatar a notável frequência de um fenômeno por diversas vezes vivamente discutido na imprensa e na literatura católicas bem como nos congressos católicos da Alemanha: o caráter predominante protestante dos proprietários do capital e empresários, assim como das camadas superiores da mão-de-obra qualificada, notadamente do pessoal de mais alta qualificação técnica ou comercial das empresas modernas. Não só nos lugares onde a diferença de confissão religiosa coincide com uma diferença de nacionalidade e, portanto, com um grau distinto de desenvolvimento cultural, como ocorre no Leste da Alemanha entre alemães e poloneses, mas em quase toda parte onde o desenvolvimento do capitalismo [na época de sua expansão] esteve com as mãos livres para redistribuir a população em camadas sociais e profissionais em função de suas necessidades - e quanto mais assim se deu, tanto mais nitidamente esse fenômeno aparece estampado em números na estatística religiosa (WEBER, 2004, p.29).

O uso disciplinado do dinheiro com fins a criar uma reserva para momentos de escassez ou mesmo para atingir a prosperidade digna daquela que trabalha e faz bom uso dessas posses faz parte do estudo tipológico de Weber da sociedade cuja ética é influenciada pelo protestantismo. A propósito, faz-se necessário definir esse conceito:

Ligado, sobretudo, ao sociólogo alemão Max Weber, o tipo ideal é um modelo abstrato que, quando usado como padrão de comparação, permite-nos observar aspectos do mundo real de uma forma mais clara e mais sistemática. O socialismo e o capitalismo de livre mercado, por exemplo, podem ser descritos como tipos ideais quando identificamos suas características essenciais — sua essência — em uma forma pura, algo exagerado, que é improvável que exista em algum lugar, exceto em nossa mente (JOHNSON, 1997, p.240).

Tipo Ideal ou tipologia pura é uma metodologia proposta por Weber, no contexto de sua chamada "sociologia compreensiva", para a investigação nas ciências humanas e, particularmente, na sociologia. Esse instrumental teórico parte do pressuposto de que a leitura que o cientista social faz dos fenômenos humanos é mediada por conceitos. O tipo ideal, portanto, objetiva reconhecer, na dinâmica da realidade empírico-concreta, um conjunto de particularidades e individualidades capazes de serem analisados através de tipos.

Com o intuito de exemplificar o uso dos tipos, podem-se analisar as ações econômicas dos indivíduos da sociedade alemã, na passagem do século XIX para o XX, a partir da tipologia do capitalismo, modelo econômico cujo funcionamento depende da busca pelo lucro e que historicamente se constituiu a partir da confluência de acontecimentos específicos, tais como o da Revolução Industrial. Enfim, torna-se possível empreender estudos sobre a referida sociedade a partir da ótica categorial do “capitalismo”.

Pode-se organizar o conjunto de signos e práticas devocionais a personagem histórica “Cristo” sob o tipo da “religião-cristã”. Pelos pressupostos epistemológicos de Weber, a ciência não estará com a tipologia pura abarcando a realidade em si mesma, mas desenvolvendo mecanismos para melhor compreendê-la. Uma vez que os tipos estão no âmbito do conceito, logo jamais poderão expressar com inteireza a realidade a que pretendem se aproximar teoricamente.

Em virtude desses pressupostos filosóficos que guiam a conceituação dos tipos, é que o sociólogo entende que naturalmente comete exageros ao postular uma tipologia

pura. Toda generalização, considerada a distância entre o domínio do conceito e o da realidade, está fadada a expressar limitadamente os indivíduos que ela busca agrupar através de uma etiqueta comum, a saber, o conjunto de crenças e costumes de um dado povo sob a categorização de “fenômeno religioso X ou Y”, por exemplo. No que diz respeito à natureza do conceito sociológico, pode-se fazer paralelo com a distinção filosófica proposta por Kant entre a coisa em si ou realidade em si mesma (*numenium*) e os fenômenos que aparecem a nós (*fenomenum*):

«Fenômeno» como «aparecer», como mero «ser para nós», único a poder tornar-se objecto de determinações científicas. «Coisa em si» como fundo e origem de fenômeno, existente, mas incognoscível, pois o entendimento se encontra exclusivamente orientado para o sensível (MORUJÃO, 1981, p.23)

O conceito de ação social em Weber está intimamente relacionado aos seus pressupostos filosóficos. Por divergir do positivismo, sua sociologia se diferencia substancialmente da de Durkheim, o qual, primando pela objetividade e isenção científica, pôs de lado a subjetividade do indivíduo e as singularidades deste para tentar compreender a ação social tendo em vista uma dimensão geral e coletiva. A realidade social apontada por Durkheim não é indeterminada. Assim como a natureza é investigada pela física mecânica, a sociedade também possui leis e princípios, a partir das quais a atitude de alguém que decide pelo suicídio pode ser compreendida se observadas determinadas circunstâncias objetivas, capazes de serem apreendidas, por exemplo, através de índices climáticos, fatores culturais etc. Portanto, as motivações do indivíduo ficam em segundo plano. Weber, em concordância com sua epistemologia, analisa os fenômenos em seu “caso-a-caso” sem suprimir o valor científico deles.

Na sociologia compreensiva, o papel do indivíduo é crucial. Ele não é produto simplesmente do meio nem é completamente determinado pela coletividade, mas é capaz de interagir com seus semelhantes e influenciá-los ou ser influenciado. Nesse sentido, o estudo do particular não passa necessariamente pelo estudo da totalidade, antes, porém, deve-se atentar para a singularidade dos sujeitos de ação social, a saber: os agentes individuais. Na conceituação da ação social, por conseguinte, está subjacente uma noção de indivíduo que conserva heranças filosóficas importantes, tais como aquela deixada por Kant de que a ação moral deve ser analisada a partir do dever que o indivíduo impõe a sua consciência.

O imperativo categórico kantiano⁹, que exprime o princípio de que o homem deve agir como se sua ação fosse se tornar padrão para toda a humanidade, parte do que cada um pode fazer para o que toda a humanidade poderia desfrutar se cada um agisse em conformidade com leis universais postuladas pela razão. Weber não está comprometido com todas as implicações filosóficas kantianas, porque de fato concentra seus esforços no interesse sociológico: tentar compreender a dinâmica social, observadas as condições empíricas e concretas, da melhor maneira possível.

Embora a tipologia pura se baseie no esforço de compreender a realidade a partir de conceitos os mais concretos possíveis, e com isso se pretenda afastar, em tese, qualquer tipo de juízo valor, Weber sabe que o cientista social investiga de maneira contextualizada aos seus anseios, crenças e posições pessoais, não sendo viável a plena isenção desejada pelo positivismo. A sociologia compreensiva considera o estudo historicamente comparado em diálogo com as práticas sociais e particularidades hodiernas, a fim de enriquecer a interpretação dos fenômenos.

Deve-se direcionar a atenção para a concepção de que a ética protestante é, tipologicamente, o espírito do capitalismo. Poder-se-ia descrever a relação entre esses dois conceitos de outra maneira, a saber: o desenvolvimento do sistema econômico gestado na Europa fora possível, dentre outras razões, em virtude dos valores protestantes que orientavam as ações dos indivíduos. A ideia de que o trabalho dignifica o homem, as disciplinas pessoais e financeiras contribuíram para o fortalecimento do capitalismo moderno. Enquanto o catolicismo dava maior ênfase ao abandono das riquezas e preocupações mundanas, o protestantismo tratava a atividade laboral como uma das maneiras de glorificar a Deus. Ao passo que o ócio, a preguiça e a improdutividade eram rechaçados por essa ética.

[...] o ‘amor ao próximo’ cristão deve ter assumido sob a pressão do isolamento interior do indivíduo exercida pela fé calvinista. [A princípio ela é de fundo dogmático.] O mundo está destinado a isto [e apenas a isto]: a servir à autoglorificação de Deus; o cristão [eleito]

⁹ Para entender o imperativo categórico: KANT, Apud RIBEIRO, 2016, p.47. “Pois, visto que, além da lei, o imperativo contém apenas a necessidade da máxima de ser conforme a essa lei, mas a lei não contém qualquer condição à qual estaria restrita, então nada resta senão a universalidade de uma lei em geral à qual a máxima da ação deva ser conforme, conformidade esta que é a única coisa que o imperativo propriamente representa como necessária. Portanto, o imperativo categórico é um único apenas e, na verdade, este: age apenas segundo a máxima pela qual possa ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal”.

existe para isto [e apenas para isto]: para fazer crescer no mundo a glória de Deus, cumprindo, de sua parte, os mandamentos Dele. Mas Deus quer do cristão uma obra social porque quer que a conformação social da vida se faça conforme seus mandamentos e seja endireitada da forma a corresponder a esse fim (WEBER, 2004, p.99).

Na exposição da *Ética Protestante* pode ser percebida uma discussão filosófica entre Weber e Marx. Se Karl Marx compreendeu a dinâmica social tendo como elemento fundamental a economia, isto é, as forças produtivas e materiais, Weber levou em conta como questão fundamental a cultura, donde provém a noção de “espírito”. Ou seja, as ações econômicas assim como as demais ações humanas possuem múltiplas razões e significados, e o aspecto cultural em particular revela o conjunto das idiossincrasias dos sujeitos sociais que podem favorecer ou não o êxito de determinada organização, sem que a economia seja a explicação universal para todas as grandes questões da história:

Só alhures teremos ocasião de tratar no pormenor daquela concepção do materialismo histórico ingênuo segundo a qual ‘ideias’ como essas são geradas como ‘reflexo’ ou ‘superestrutura’ de situações econômicas.” Por ora, é suficiente para nosso propósito indicar: que na terra natal de Benjamin Franklin (o Massachusets) o ‘espírito do capitalismo’ (no sentido por nós adotado) existiu incontestavelmente antes do desenvolvimento do capitalismo (WEBER, 2004, p.48).

Em outras palavras, a tipologia dos costumes e valores agrupados através da noção de religião cristã protestante, de certa forma, já existia antes do tipo capitalismo. O estudo comparativo desses elementos sociais torna mais razoável a hipótese de que a assim chamada ética protestante seja o espírito do capitalismo do que pressupor que previamente a todas as ações sociais existia uma relação material determinante. A vinculação entre uma ética voltada para o trabalho, a religião e o capitalismo é notável:

Escreveu ele (John Wesley – Líder metodista). Religião, com efeito, deve necessariamente gerar, seja laboriosidade (*industry*), seja frugalidade (*frugality*), e estas não podem originar senão riqueza. [...] Não nos é lícito impedir que as pessoas sejam laboriosas e frugais; temos que exortar todos os cristãos a ganharem tudo quanto puderem; e isso na verdade significa enriquecer (Idem, p.159-160).

O corolário do argumento de Weber para demonstrar que o tipo protestantismo e o tipo capitalismo se coadunam tem a ver com a capacidade que um tem de justificar a prática do outro. Assim, os resultados do sistema econômico podem ser maximizados em função de uma concepção de sociedade e cultura subjacente ao desenvolvimento do capitalismo na Europa:

A ideia da obrigação do ser humano com a propriedade que lhe foi confiada, à qual se sujeita como prestimoso administrador ou mesmo como ‘máquina de fazer dinheiro’, estende-se por sobre a vida feita uma crosta de gelo. Quanto mais posses, tanto mais cresce – se a disposição ascética resistir a essa prova – o peso do sentimento da responsabilidade não só de conservá-la na íntegra, mas ainda de multiplicá-las para glória de Deus através do trabalho sem descanso. Mesmo a gênese desse estilo de vida remonta em algumas de suas raízes à Idade Média como aliás tantos outros elementos do espírito do capitalismo [moderno], mas foi só na ética do protestantismo ascético que ele encontrou um fundamento ético consequente. Sua significação para o desenvolvimento do capitalismo é palpável (Ibidem, p.155).

Nesse sentido, Weber se utiliza de conceitos para aproximar a interpretação da realidade empírica, mas não se prende as categorias como preconizavam os grandes sistemas. Com a adoção dessa postura metodológica, ele consegue apelar para a empiria e dar concretude às suas análises sociológicas. A fundamentação de sua epistemologia filosófica é o ponto de partida para a sua contribuição na esfera de uma sociologia moderna com método e objeto bem definidos.

Considerações Finais

O itinerário construído pelo presente trabalho possibilitou apreender possíveis influências e construções filosóficas na elaboração de Weber, as quais perpassam desde a sua cosmovisão (contra a universalidade do discurso científico, o niilismo e o economicismo), a propedêutica e pressupostos de seu método (distinção entre o real e o conceitual, valorização do indivíduo, kantismo ético e epistemológico).

No primeiro caso, percebeu-se o contexto iluminista e positivista com o qual ele se defrontou através de uma posição crítica ao cientificismo e a pretensão demasiado abrangente nutrida pela modernidade. O seu diagnóstico da contemporaneidade como pós-metafísica o leva a uma compreensão ética divergente ao niilismo, de modo a incliná-lo para uma postura epistemológica favorável ao kantismo, no que concerne à discussão em torno de uma ética do dever. A antropologia filosófica de viés economicista, para Weber, não consegue dar conta do aspecto “cultural” que muitas vezes participa, no curso das transformações sociais, do desenvolvimento de dado sistema econômico. Assim, Weber diversifica a interpretação da dinâmica social.

No segundo caso, a propedêutica do método envolve a distinção entre real e conceitual, de maneira a delimitar o empreendimento sociológico a esfera do que é

empiricamente conceituável. Por fim, a incumbência primordial de apontar elementos genuinamente filosóficos possibilitou, no interior da *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, entender como a metodologia estruturada através do conceito de *Tipo Ideal* não pode prescindir de pressupostos filosóficos. Dada a impossibilidade de se chegar ao conhecimento das coisas como elas são em si mesmas, e com isso a falência dos grandes sistemas, deve-se buscar conceitos que se apoiem em casos concretos, tentando evitar a contaminação axiológica, privilegiando uma leitura em parte fenomenológica e em parte hermenêutica, donde se entende a sua sociologia compreensiva. Ao reconstituir a importância do indivíduo para a análise da ação social, Weber parece pressupor a ética de Kant.

Destarte, espera-se ter sido exitosa a tentativa de explicitar parte dos elementos filosóficos que compõe o horizonte compreensivo do empreendimento sociológico de Max Weber. Com essa exposição de natureza introdutória, almeja-se terem sido explicitados alguns caminhos para um estudo ulterior a respeito da possibilidade de articular filosoficamente os postulados de Weber.

Referências Bibliográficas:

ANDERY, Maria Amália [et al]. *Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Trad. Luís Claudio de Castro e Costa - 5.ed- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

JAHNKE, Hans. *O conceito da compreensão na Sociologia de Max Weber*. Coimbra: Coimbra University Press, 2013.

JOHNSON, Allan. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KIM, Sung. *Max Weber*. The Stanford Encyclopedia of Philosophy, published by Metaphysics Research Lab, 2019 <
<https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/weber/>>.

MORUJÃO, A.F. *Fenómeno, Númeno, coisa em si: notas sobre três conceitos kantianos*. Revista Portuguesa de Filosofia. Tomo XXXVII, Fasc.3, Kant - 200 anos da

Crítica da Razão Pura: - Hegel 150 anos da sua morte, Julho-Setembro de 1981, pp.225-248.

MORAES, L; FILHO, A; DIAS, D. *O Paradigma Weberiano da Ação Social: um Ensaio sobre a Compreensão do Sentido, a Criação de Tipos Ideais e suas Aplicações na Teoria Organizacional*. RAC, v. 7, n. 2, Abr./Jun. 2003: 57-71.

RIBEIRO, Elton. *Kant e o fundamento da moralidade: um estudo da dedução do imperativo categórico em GMS III*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

SCHWARTZ, Nancy. *Max Weber's Philosophy*. The Yale Law Journal, Vol. 93, No. 7 (Jun., 1984), pp. 1386-1398.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo Companhia das Letras, São Paulo, 2004.